**26º DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO C)**

São Firmino de Amiens, bispo; São Princípio de Soissons, bispo

*Am* 6, 1a.4-7*; Sal* 145*; 1 Tm* 6, 1-16*; Lc* 16, 19-31

*Ó minha alma, louva o Senhor.*

**COMENTÁRIO**

*Bem-aventurados os pobres*

O Evangelho deste domingo é aquele que, por excelência, dá uma boa notícia aos pobres. Nesta parábola, que tem tons mais folclóricos do que outras, Jesus transmite uma mensagem clara sobre a inversão da sorte dos pobres e dos ricos no além e, através dela, dá um forte aviso àqueles que de modo egoísta se fecham na sua riqueza sem se aperceberem dos necessitados que os rodeiam. Trata-se de uma espécie de ilustração narrativa da antítese *‘bem-aventurados’*–*‘Ai de vós’* que Jesus tinha proclamado no início das Suas actividades: «*Bem-aventurados* vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus. (...) Mas *ai de vós*, ricos! porque já tendes a vossa consolação» (*Lc* 6, 20.24). A mensagem do Evangelho é, por isso, clara, mas vale a pena examinar alguns detalhes interessantes desta parábola, única nos Evangelhos, para uma compreensão mais apropriada e ainda mais profunda do que Jesus nos quer ensinar hoje no nosso caminho de fé e missão.

*1. O pobre e o seu sofrimento silencioso*

A situação do pobre na parábola é mais do que trágica, como podemos perceber pelas poucas, mas eficazes pinceladas que realçam a sua miséria: «coberto de chagas. Bem desejava saciar-se do que caía da mesa do rico, mas até os cães vinham lamber-lhe as chagas.» Esta descrição, aliás, dramatização, dos aspectos físicos sugere um certo sofrimento no espírito deste pobre homem, abandonado pelos outros devido às suas feridas e, por isso, “acompanhado” apenas pelos cães, animais considerados impuros na tradição judaica.

No meio de uma enorme tragédia pessoal, o que surpreende é o silêncio do pobre ao longo de todo o relato. De facto, nunca falou enquanto estava vivo e, permanece sem dizer uma palavra mesmo depois da morte, quando «foi colocado pelos Anjos ao lado de Abraão», ou seja, na felicidade celeste com os patriarcas de Israel. Isto contrasta fortemente com o comportamento do homem rico que, como veremos abaixo, sempre fez “barulho” tanto antes como depois da morte!

O silêncio do pobre na parábola dá que pensar. Cada discípulo de Jesus terá de perguntar-se e preocupar-se. Há ainda à nossa volta muitas pessoas pobres, carenciadas e sofredoras que não levantam a sua voz. Permanecem em silêncio a maior parte das vezes por uma razão ou por outra. Talvez precisemos de estar ainda mais atentos, para nos darmos conta destas “vozes silenciosas” da porta ao lado, que vêm de situações de limite, de confim. E isto é especialmente verdade para os discípulos-missionários de Jesus, como recorda o Papa Francisco na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões deste ano: «A Igreja de Cristo sempre esteve, está e estará “em saída” rumo aos novos horizontes geográficos, sociais, existenciais, rumo aos lugares e situações humanos “de confim”, para dar testemunho de Cristo e do Seu amor a todos os homens e mulheres de cada povo, cultura, estado social.» Seguindo Cristo, Sua cabeça, a Igreja de Cristo nunca esquece os pobres.

*2. O rico e o seu “ruído”*

Como foi mencionado, o homem rico da parábola é bastante “ruidoso”. Durante a sua vida, «banqueteava-se esplendidamente todos os dias», como descrito na história. E podemos imaginar o quão barulhento tivesse sido o seu funeral, apesar do texto do Evangelho ser sóbrio e dizer apenas «e foi sepultado» (talvez para sublinhar a brevidade de tudo na vida!). Mas o ruído deste rico é especialmente sentido após a morte, quando ele estava «na mansão dos mortos, atormentado pelas chamas». Como o texto indica, o rico «ergueu a voz e disse» a Abraão, e deste modo, como podemos supor, tem lugar todo o diálogo entre o rico e o patriarca.

Deve salientar-se que a descrição do sofrimento do rico no inferno ecoa a visão folclórica da tradição judaica do lugar de tormento para os ímpios após a morte (cf. por exemplo *Is* 66, 24; *Sir* 21, 9-10). O ponto central é o grande sofrimento que os ímpios sofrem devido à sua separação eterna de Deus e do Seu reino bem-aventurado, consequência da sua própria escolha existencial (viver egoisticamente para si mesmos, de acordo com a sua própria vontade, e não com Deus e de acordo com o ensinamento divino). O grito desesperado do rico da parábola do seu lugar de sofrimento eterno soa, portanto, como um aviso a todos os ricos do mundo e de todos os tempos, que só pensam em si mesmos e nos seus próprios “lautos banquetes”, vivendo na indiferença total para com os mais necessitados, os mais infelizes. E isto aplica-se também àqueles que se gabam de serem “filhos de Abraão”, como o rico da parábola. Trata-se, por isso, de um forte apelo à conversão e mudança de vida, uma admoestação já dada por João Baptista no início do evangelho de Lucas: «Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento, e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai; porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão» (*Lc* 3, 8; cf. *Jo* 8, 39).

*3. Onde está Deus?*

Por fim, algum leitor/ouvinte mais atento pode ter uma dúvida legítima: em toda esta parábola, que fala da vida e da morte, onde está Deus? Aliás, alguém pode sentir-se perplexo e intrigado pelo facto de Deus parecer estar ausente na história. Ele não aparece nem nos assuntos terrenos nem no céu, deixando ao patriarca Abraão, que fala, ensina, e emite a sentença do julgamento, o núcleo do ensinamento do relato, com toda a autoridade divina: «Filho, lembra-te que recebeste os teus bens em vida, e Lázaro apenas os males. Por isso, agora ele encontra-se aqui consolado.»

A última observação sugere uma resposta à questão da aparente ausência de Deus. Na realidade, Deus está presente nesta história, mas de uma forma subtil. Ele actua nos bastidores. Isto é, antes de mais, mencionado de modo subtil no nome do pobre: Lázaro. Esta é a forma abreviada de Eleazar, que em hebraico significa “Deus ajuda”, “Deus socorre”. Temos aqui o único personagem “nomeado” nas parábolas de Jesus nos evangelhos. Isto sublinha, se dúvidas houvesse, o poder simbólico do nome e da pessoa. O pobre é o que só tem Deus como ajuda, socorro, consolo na vida. E é o próprio Deus que o acolhe no seio de Abraão, no reino dos bem-aventurados. Ele, o bom Deus, está sempre presente em cada pobre, miserável, abandonado, marginalizado, como o próprio Cristo nos famintos, presos, nus, doentes, os Seus irmãos e irmãs menos afortunados.

Deve ainda realçar-se uma presença particular de Deus sublinhada na parte final da parábola. Quando o rico em sofrimento pede a Abraão que envie Lázaro para prevenir “severamente” os seus cinco irmãos, o patriarca responde: «Eles têm Moisés e os Profetas.» Assim é novamente confirmada a importância de escutar “Moisés e os Profetas”: «Se não dão ouvidos a Moisés nem aos Profetas, também não se deixarão convencer, se alguém ressuscitar dos mortos.» Eis o Deus que continua a falar através de “Moisés e os Profetas”, ou seja, através da Sua Palavra na Sagrada Escritura. Ele continua a indicar os caminhos da salvação. Efectivamente, a Sagrada Escritura já admoesta a este respeito: «Quem tapa o ouvido quando o fraco suplica, não terá resposta quando clamar» (*Pr* 21, 13); e se exalta quem cuida dos pobres: «Feliz quem cuida do fraco e do indigente: Javé o salva no dia infeliz» (*Sal* 41, 2). E Jesus, com autoridade, confirma o ensinamento divino. Aliás, exorta e admoesta fortemente aqueles que “dormem” nas suas riquezas, sem pensar sabiamente no futuro.

Rezemos então com as palavras significativas da oração Colecta alternativa do Missal italiano: «Ó Deus, que conheces as necessidades do pobre e não abandonas o fraco na solidão, livra da escravidão do egoísmo aqueles que são surdos à voz dos que pedem ajuda, e dá-nos a todos uma fé inabalável em Cristo ressuscitado. Ele que é Deus, e vive e reina convosco, na unidade do Espírito Santo, para todos os séculos dos séculos.» Amén.

Padre Dinh Anh Nhue Nguyen, OFMConv

Secretário-Geral da União Missionária Pontifícia (UMP)

*Citações úteis:*

**João Paulo II**, Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário, ***Redemptoris Missio***

***Características e exigências do Reino***

14. Jesus revela progressivamente as características e as exigências do Reino, através das Suas palavras, das Suas obras e da Sua pessoa. O Reino de Deus destina-se a todos os homens, pois todos foram chamados a pertencer-lhe. Para sublinhar este aspecto, Jesus aproximou-Se sobretudo daqueles que eram marginalizados pela sociedade, dando-lhes preferência, ao anunciar a Boa Nova. No início do Seu ministério, proclama: fui enviado a anunciar a Boa Nova aos pobres (cf. *Lc* 4, 18). Às vítimas da rejeição e do desprezo, declara: «bem-aventurados vós, os pobres» (*Lc* 6, 20), fazendo-lhes, inclusive, sentir e viver já uma experiência de libertação, estando com eles, partilhando a mesma mesa (cf. *Lc* 5, 30; 15, 2), tratando-os como iguais e amigos (cf. *Lc* 7, 34), procurando que se sentissem amados por Deus, e revelando deste modo imensa ternura pelos necessitados e pecadores (cf. *Lc* 15, 1-32).

***A primeira forma de evangelização é o testemunho***

42. O homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos factos do que nas teorias. O testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão: Cristo, cuja missão nós continuamos, é a «testemunha» por excelência (*Ap* 1, 5; 3, 14) e o modelo do testemunho cristão. O Espírito Santo acompanha o caminho da Igreja, associando-a ao testemunho que Ele próprio dá de Cristo (cf. *Jo* 15, 26-27).

A primeira forma de testemunho é *a própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial,* que torna visível um novo modo de se comportar. O missionário que, apesar dos seus limites e defeitos humanos, vive com simplicidade, segundo o modelo de Cristo, é um sinal de Deus e das realidades transcendentes. Mas todos na Igreja, esforçando-se por imitar o divino Mestre, podem e devem dar o mesmo testemunho, que é, em muitos casos, o único modo possível de se ser missionário.

O testemunho evangélico, a que o mundo é mais sensível, é o da atenção às pessoas e o da caridade a favor dos pobres, dos mais pequenos, e dos que sofrem. A gratuidade deste relacionamento e destas acções, em profundo contraste com o egoísmo presente no homem, faz nascer questões precisas, que orientam para Deus e para o Evangelho. Também o compromisso com a paz, a justiça, os direitos do homem, a promoção humana, é um testemunho do Evangelho, caso seja um sinal de atenção às pessoas e esteja ordenado ao desenvolvimento integral do homem.

***A caridade: fonte e critério da missão***

60. «A Igreja em todo o mundo – disse-o durante a minha visita ao Brasil – quer ser a Igreja dos pobres. Ela deseja extrair toda a verdade contida nas Bem-aventuranças, e em particular na primeira: “Bem-aventurados os pobres em espírito ...”. Ela quer ensinar e pôr em prática esta verdade como Jesus, que veio fazer e ensinar».

As jovens Igrejas, que, na sua maioria, vivem no meio de povos que sofrem de uma enorme pobreza, referem muitas vezes esta preocupação como parte integrante da sua missão. A Conferência dos Bispos latino-americanos, em Puebla, depois de ter recordado o exemplo de Jesus, escreve que «os pobres merecem uma atenção preferencial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem. Criados à imagem e semelhança de Deus, para serem Seus filhos, essa imagem está ofuscada, e até ultrajada. Por isso, Deus toma a sua defesa e os ama. Daí resulta que os primeiros destinatários da missão são os pobres, sendo a sua evangelização, sinal e prova por excelência da missão de Jesus».

Fiel ao espírito das Bem-aventuranças, a Igreja é chamada a partilhar com os pobres e oprimidos de qualquer género. Assim, exorto os discípulos de Cristo e as comunidades cristãs, desde as famílias às dioceses, das paróquias aos institutos religiosos, a fazerem uma sincera revisão da própria vida, na perspectiva da solidariedade com os pobres. Ao mesmo tempo, agradeço aos missionários que, com a sua presença amorosa e o seu serviço humilde, trabalham para o desenvolvimento integral da pessoa e da sociedade, levantando escolas, centros sanitários, leprosarias, casas de assistência para diminuídos físicos e anciãos, iniciativas para a promoção da mulher. Agradeço em particular, às religiosas, aos irmãos e aos leigos missionários, pela sua dedicação, enquanto encorajo os voluntários de Organizações não-governamentais, hoje cada vez mais numerosos, que se dedicam a estas obras de caridade e de promoção humana.

De facto, são estas «obras de caridade» que dão testemunho da alma de toda a actividade missionária: o amor, que é e permanece o verdadeiro motor da missão, constituindo também «o único critério pelo qual tudo deve ser feito ou deixado de fazer, mudado ou mantido. É o princípio que deve dirigir cada acção, e o fim para o qual deve tender. Agindo na perspectiva da caridade ou inspirados pela caridade, nada é impróprio, e tudo é bom».